



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MATEUS PAULINO FERREIRA DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA MASCULINIDADE:**  
surgimento e manutenção do masculinismo nas redes sociais

ICÓ - CEARÁ  
2023

MATEUS PAULINO FERREIRA DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA MASCULINIDADE:**  
surgimento e manutenção do masculinismo nas redes sociais

Artigo Científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

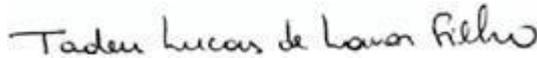
Orientador: Prof. Dr. Tadeu Lucas de Lavor Filho.

MATEUS PAULINO FERREIRA DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA MASCULINIDADE:**  
surgimento e manutenção do masculinismo nas redes sociais

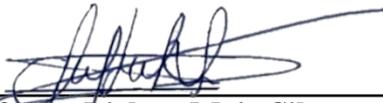
Artigo científico aprovado em 06/12/23, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Tadeu Lucas de Lavor Filho**  
Centro Universitário Vale do Salgado  
*Orientador*



---

**Prof. Me. Lielton Maia Silva**  
Centro Universitário Vale do Salgado  
*Avaliador*



---

**Prof. Me. Meury Gardênia Lima de Araújo**  
Centro Universitário Vale do Salgado  
*Avaliadora*

Eis que vejo a minha mãe. Eis que... vejo o meu pai. Eis que eles me convocam. Aos meus pais, àqueles que com as suas mãos calejadas a mim concederam o dom.

*“É que amar é algo novo pros homens. Mulheres amam, homens não sei o quê.”*

*Criolo, Espiral de Ilusão, 2017*

*“E se você pensa que homens fortes são perigosos, espere até ver do que os fracos são capazes.”*

*Jordan Peterson, 2018, p. 392*

## LISTA DE SIGLAS

**APA** – *American Psychological Association* (Associação Americana de Psiquiatria)

**AVFM** – *A Voice for Men* (Uma Voz para Homens)

**FBSP** – Fórum Brasileiro de Segurança Pública

**INCELS** – *Involuntary Celibates* (Celibatários Involuntários)

**MGTOW** – *Men Going Their Own Way* (Homens Seguindo Seu Próprio Caminho)

**MRAs** – *Men's Rights Activists* (Ativistas dos Direitos dos Homens)

**MRM** – *Men's Rights Movement* (Movimento dos Direitos dos Homens)

**NOCM** – *National Organization for Changing Men* (Organização Nacional para Homens Mudados)

**LGBTQIAPN+** – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgênero e Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não Binários

**PUAs** – *Pick-up Artists* (Artistas da Sedução)

**RAVEN** – *Rape and Violence End Now* (Estupro e Violência Acabam Agora)

**TRP** – *The Red Pill* (A Pílula Vermelha)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>10</b>
2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA MASCULINIDADE E SEUS ESTUDOS NO OCIDENTE NO DECORRER DOS SÉCULOS XX E XXI .....	10
2.2 EFEITOS DOS DISCURSOS DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS DAS REDES SOCIAIS.....	14
<b>2.2.1 Pequena história do masculinismo no Ocidente .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2.2 A Manosfera e os discursos masculinistas no mundo virtual .....</b>	<b>16</b>
<b>3 MÉTODO .....</b>	<b>23</b>
3.1 TIPO DE ESTUDO .....	23
3.2 IDENTIFICAÇÃO DA FONTE.....	24
3.3 LOCALIZAÇÃO DA FONTE E ACESSO AO DOCUMENTO .....	25
3.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	25
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>26</b>
4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA MASCULINIDADE E SUA RELAÇÃO COM O MASCULINISMO .....	27
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA MASCULINIDADE:**  
surgimento e manutenção do masculinismo nas redes sociais

**CONTEMPORARY SOCIAL REPRESENTATIONS OF MASCULINITY:**  
emergence and maintenance of masculinism in social networks

**Mateus Paulino Ferreira da Silva**  
**Prof. Dr. Tadeu Lucas de Lavor Filho**

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo discutir as representações sociais contemporâneas da masculinidade e suas contribuições para o surgimento e a manutenção dos movimentos masculinistas nas redes sociais. Partiu-se de uma compreensão da construção histórica e cultural da masculinidade no decorrer dos séculos XX e XXI e seus desdobramentos nas relações psicossociais individuais e coletivas, além de uma descrição dos movimentos masculinistas com foco nas redes sociais da internet e suas possíveis repercussões. Utilizando-se de um estudo documental de abordagem qualitativa exploratória como método, a pesquisa se debruçou sobre o evento *on-line* “O Fim dos Homens: Não Existe Masculinidade Tóxica”, disponibilizado na plataforma *YouTube* e realizado pelo *coach* em Sedução e Desenvolvimento Masculino Felipe Alves. Os resultados da pesquisa constataram que a representatividade do ser homem como um sujeito constituído pela agressividade, busca por status e permanência constante do autocontrole e do vigor físico, moral e sexual é trazida não só como a principal temática do masculinismo no meio virtual, mas como a contradição no mesmo ao afirmar que os homens prontamente nascem masculinos ao passo em que oferece cursos para que eles possam se tornar masculinos, se identificando, portanto, que a masculinidade seria muito mais uma performance de ações compactuadas como masculinas do que unicamente um fruto de uma composição biológica.

**Palavras-chave:** Masculinismo. Movimentos Masculinistas. Masculinidade. Representações Sociais.

**Abstract:** The aim of this paper was to discuss contemporary social representations of masculinity and their contributions to the emergence and maintenance of masculinist movements on social networks. It began with an understanding of the historical and cultural construction of masculinity over the course of the 20th and 21st centuries and its consequences for individual and collective psychosocial relations, as well as a description of masculinist movements with a focus on social networks on the internet and their possible repercussions. Using a documentary study with an exploratory qualitative approach as a method, the research focused on the online event “The End of Men: There is No Such Thing as Toxic Masculinity”, made available on the YouTube platform and held by the Seduction and Male Development coach Felipe Alves. The results of the research showed that the representation of being a man as a subject made up of aggression, the search for status and the constant maintenance of self-control and physical, moral and sexual vigor is brought up not only as the main theme of masculinism in the virtual environment, but also as a contradiction in it, when it states that men are readily born masculine, while it offers courses so that they can become masculine, thus identifying that masculinity would be much more a performance of actions agreed as masculine than solely the fruit of a biological composition.

**Keywords:** Masculinism. Masculinist movements. Masculinity. Social representations.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir de 2010, com a consolidação das redes sociais, tem-se contemplado nas sociedades ocidentais a intensificação de um movimento social, cultural, político, ideológico e econômico conhecido como masculinismo, doutrina datada desde a década de 1970 e responsável tanto por defender os direitos dos homens quanto a volta a comportamentos tidos como próprios do sexo masculino, além de apresentar diferentes maneiras de se lidar com mulheres, sendo, portanto, uma espécie de contraponto à luta feminista pela igualdade de gênero (Depuis-Déri, 2022). Diante disso, o presente trabalho objetiva discutir as representações sociais contemporâneas da masculinidade e suas contribuições para o surgimento e a manutenção dos movimentos masculinistas nas redes sociais.

No esforço de compreender tal temática, o estudo dispõe teoricamente do conceito das representações sociais como plano de fundo, as quais manifestam o agrupamento de compreensões práticas e simbólicas advindas das interações sociais e imbuídas do cruzamento entre pensamento primitivo, científico e de senso comum sobre o que se concebe cultural e socialmente perante um determinado fenômeno da realidade (Durkheim, 2018; Moscovici, 2015). Considera-se as representações sociais constituídas pelos atributos psicológicos e comportamentais próprios do que é considerado masculino com base nas reverberações psicossociais alicerçadas na fabricação histórica e cultural da masculinidade.

O debate sobre o conceito também ganha outros formatos de reverberação na sociedade, por exemplo, nas relações sociais *on-line*. Destaca-se a Manosfera ou Machosfera – rede de plataformas predominantemente *on-line* que atua na disseminação de debates sobre questões masculinas, seja no âmbito da luta por direitos e libertação dos homens seja na área do *coaching* (treinamento) de masculinidade e sedução, incluindo a publicação de cursos e livros sobre a temática.

Sendo composta por fóruns, portais de discussão, *blogs* e *vlogs* (diários de vídeos) e mais recentemente programas de *podcasts* (canais de publicação multimídia, principalmente em áudio e vídeo), canais do *Youtube*, perfis nas mídias sociais *Instagram*, *X*, *Facebook*, *TikTok* e *Reddit*, entre outros, a Manosfera inclui em seu escopo variadas correntes do masculinismo, a saber: *Men's Rights Activists* (MRAs, Ativistas dos Direitos dos Homens), *Men Going Their Own Way* (MGTOW, Homens Seguindo Seu Próprio Caminho), *Pick-up Artists* (PUA, Artistas da Sedução), *Incels* ou *Involuntary Celibates* (Celibatários Involuntários), todos legitimados pela filosofia separatista *The Red Pill* (TRP, A Pílula Vermelha), além das classificações

pseudocientíficas da constituição da personalidade masculina entre alfa, beta, ômega e sigma (Krendel; McGlashan; Koller, 2022).

Segundo o projeto de pesquisa MANTRaP da *Lancaster University* (McGlashan *et al.*, 2023), encarregado de analisar os variados discursos encontrados na Manosfera, é perceptível o aumento da violência de gênero *on-line* e *off-line* facultada pela propagação crescente de desinformação, preconceitos, sexismo, homofobia e misoginia referentes não só as mulheres em geral e as feministas em particular, mas também aos próprios homens, em especial adolescentes e jovens adultos. Para produzir reflexões sobre a presente temática e seus impactos na sociabilidade, foi desenvolvida uma pesquisa documental incumbida de dissecar conteúdos representativos da complexa rede *on-line* intitulada de Manosfera.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA MASCULINIDADE E SEUS ESTUDOS NO OCIDENTE NO DECORRER DOS SÉCULOS XX E XXI

De modo geral, existe uma quantidade considerável de pesquisas e estudos referentes à história da masculinidade no Ocidente, sendo preeminentemente de língua inglesa e francesa, a exemplo de: Alain Corbin, Anne Carol, Antoine de Baecque, Arnaud Baubérot, Chris Haywood, Christelle Taraud, Christine Bard, Christopher E. Forth, Claudine Haroche, Dominique Kalifa, Fabrice Virgili, Florence Tamagne, Francis Depuis-Déri, Georges Vigarello, Jean-Jacques Courtine, Johann Chapoutot, Máirtín Mac an Ghaill, Pascal Ory, Pierre Bourdieu, Raewyn Connell, Stéphane Audoin-Rouzeau e Sylvain Venayre, para citar os principais.

Todavia, assim como afirmado na dissertação de mestrado em Psicologia do Dr. Pedro Eduardo Silva Ambra (2013), pelo fato do campo de estudos, prevalentemente anglo-saxão<sup>1</sup>, sobre a masculinidade e mais especificamente sobre a história da masculinidade estar política e conceitualmente correlacionado à história das mulheres e aos trabalhos e movimentos feministas, ainda persiste uma insuficiência de materiais que as situem como objeto de estudo principal, estabelecendo obstáculos para o entrelaçamento entre as teorias de gênero e a masculinidade.

---

<sup>1</sup>Ou seja, situados tanto nos Estados Unidos quanto no Canadá, países que compreendem a América Anglo-Saxônica.

Posto isso, vale ressaltar que a formação histórica e cultural da masculinidade perpassa necessariamente pelas épocas da história e as representações contidas em cada uma delas sobre a própria masculinidade, a virilidade e o que é ser homem, o abarcando em um estado de ideal ontologicamente universal, ou seja, dependendo “[...] mais da construção ideológica que da observação antropológica” (Sartre, 2013, p. 19). Por efeito disso, a narração que se segue considerará simultaneamente e em tom comparativo tais representações idealísticas em conjunto com análises historiográficas sobre as mesmas.

Pois bem, com base nos dois primeiros tomos da obra francesa História da Virilidade, organizada por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2013), a masculinidade sempre estabeleceu a si mesma mediante uma ininterrupta apreensão frente a uma possível feminização, firmando sua representação na contraposição ao que é tido como sexo oposto. Logo, já na Grécia Antiga, berço da civilização ocidental, a masculinidade era guiada em grande medida na desvalorização do sexo feminino. Tal concepção galgou permanência nas demais fases históricas, seguindo dos gregos aos romanos e destes aos francos até atingirem o mundo moderno, apesar de alterando-se no perpassar dos séculos.

Por conseguinte, os trabalhos iniciais sobre a sexualidade, termo cunhado no século XIX, e sobre os homens em particular, provieram de estudos evolucionistas que nesta mesma época o visualizavam exclusivamente como resultado anatomofisiológico, sendo a personalidade e os comportamentos masculinos, portanto, frutos inatos de consequências sexuais-biológicas, justificando a dominação masculina na constituição do Ocidente a partir de uma suposta superioridade cultivada no seio das ciências naturalistas (Silva, 2015).

Embora a masculinidade, desde 1870<sup>2</sup>, venha presenciando uma perda gradativa de *status quo* nas civilizações ocidentais, é apenas em meados do século XX que se enfrentará a crise mais significativa na identidade construída até então sobre os homens (Courtine, 2013). Legitimada antropológicamente em uma tríade estruturada na “[...] força física, firmeza moral e potência sexual” (Courtine, 2013, p. 8), a representação dominante do masculino se torna cada vez mais antiquada ao passo que, especificamente nos anos 1960 e 1970, a promoção da igualdade pela conquista feminina de direitos, a realocação dos papéis sexuais do âmbito privativo ao público, a validação de outras formas de exercer a masculinidade proveniente do movimento LGBTQIAPN+, a penalização e divulgação das violências praticadas por homens

---

<sup>2</sup>Antes disso, já nos séculos XVII e XVIII, as “preciosas francesas”, consideradas, como aponta Elisabeth Badinter (1993), as matriarcas do feminismo inicial e dos “novos homens”, lançavam na aristocracia e burguesia francesas os primeiros questionamentos quanto a identidade masculina em consequência do seu estilo de vida peculiar à época, a saber: independência financeira, liberdade amorosa/sexual e recusa à maternidade.

contra mulheres e a desapropriação dos estudos sobre as diferenciações entre o masculino e o feminino das ciências naturais pelas ciências sociais a partir de um enfoque político-ideológico, possibilitam a dispensabilidade do modelo arcaico de masculinidade tão bem disseminado até o momento.

Na mesma época, facultados essencialmente pela Segunda Onda do Movimento Feminista, surgem os estudos masculinos ou estudos sobre a masculinidade, popularmente conhecidos como *Men's Studies*, responsáveis por, mediante a inserção nos estudos de gênero<sup>3</sup> proporcionados, em 1986, pela avaliação da historiadora estadunidense Joan Scott, focalizar os homens em diversas áreas de saber, seguindo desde a antropologia, o direito, a filosofia, a história e a psicologia até a educação e a ciência política. Afinal, tendo o gênero como categoria de investigação, se tornou possível a construção de estudos que, voltados à masculinidade como condição socialmente produzida, são passíveis de dedicar interesse às consequências dela manifestadas sobre mulheres e homens (Scott; Urso, 2021).

Em solo brasileiro, o famigerado discurso da crise vivenciada pelos homens é elevado ao debate cotidiano e partícipe da vida social na década de 1990<sup>4</sup>, tendo, dentre outras áreas da sociedade, as instituições acadêmicas, a literatura, os meios midiáticos e as redes sociais atuado na proclamação desse novo homem, desconstruído e emocionalmente consciente, mas ainda perdido nas transformações dos papéis e comportamentos sociais masculinos que outrora estamparam os *modus operandi* pelos quais os relacionamentos entre homens e mulheres deveriam se guiar (Cardoso; Amorim, 2022).

Voltando à arena internacional, a tese intitulada “A dominação masculina”, desenvolvida em 1995 pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, acabou se tornando um divisor de águas<sup>5</sup> nos estudos sobre masculinidade, uma vez que contribuindo para a proposição já altamente disseminada na metade do século XX de que as diferenças entre homens e mulheres nas atividades sociais, como é o caso da divisão sexual do trabalho, não provém das

---

<sup>3</sup>Campo interdisciplinar surgido na Revolução Cultural de 1960 com o Movimento Feminista, sendo aplicado à análise das classificações e representações sociais e culturais da feminilidade, masculinidade e suas variações para além da binaridade homem/mulher delimitada pelo sexo biológico, incluindo, portanto, estudos feministas, *queer* e mais recentemente estudos sobre os homens (Scott; Urso, 2021).

<sup>4</sup>É nesta data que o psicólogo brasileiro Sócrates Nolasco publica a obra clássica intitulada “O mito da masculinidade”, responsável por descortinar a complexa rede de sentimentos intensos e contraditórios ocultos na fachada de força e segurança do homem moderno (Nolasco, 1993).

<sup>5</sup>Em resumo, pelo fato de ter apaziguado, na companhia da noção de masculinidade hegemônica, a proliferação de críticas feministas endereçadas aos estudos sobre masculinidades que, segundo elas, estariam ameaçando assenhorar-se do movimento político erguido pelas diversas vertentes do feminismo (Forth, 2013).

justificativas naturalistas até então dispostas, mas sim de uma cultura androcêntrica, ou seja, partida da inscrição histórica do ponto de vista masculino na visão do todo de modo naturalizado e institucional, foi capaz de estabelecer que assim como as mulheres estariam sendo sujeitadas a uma educação direcionada à docilidade, à subserviência e à vida privada, os homens receberiam uma educação destinada à vida pública e à conservação de seus privilégios através da manutenção da dominação não só sobre o sexo feminino, mas também sobre crianças, idosos e homens que não se adequam nos tipos de masculinidade incumbidos de tal hegemonia (Bourdieu, 2019).

É neste interim que o termo masculinidade hegemônica, fundado na teoria de gênero da socióloga australiana Raewyn Connell, no início dos anos 1980, surge como precursor de uma nova perspectiva, na qual não existiria somente um tipo de masculinidade, mas uma multiplicidade abrangendo diversos tipos de ser masculino que no decorrer da história se diversificaram, viabilizando o surgimento de masculinidades subordinadas e masculinidades hegemônicas<sup>6</sup>, sendo estas últimas, assim como apontado por Bourdieu (2019), reprodutoras e legitimadoras das posições de dominação ocupadas pelos homens de modo tal que mesmo que poucos granjeiem a sua adoção, elas normativamente se inserem nas instituições e relações sociais como o estado do homem em sua completa “perfeição”, promovendo uma padronização de ações discriminatórias e preconceituosas, facultando tanto a continuidade da violência praticada contra todos os que a elas estão submetidos, como crianças, mulheres, transsexuais e homossexuais, quanto a extrema omissão paterna experienciada principalmente com o fim da Segunda Revolução Industrial (Connell; Messerschmidt, 2013).

Perante o exposto, não obstante o século XX ter sido perpassado pelas Grandes Guerras Mundiais e a iminência de um apocalipse nuclear com a Guerra Fria, sendo crivado, portanto, pelo apogeu da força, autoridade e domínio característicos da masculinidade em sua mais suprema soberania, donde “o teatro dos grandes lampejos viris” (Courtine, 2013, p. 11) deram a luz aos horrores coletivos perpetuados pelo nazismo, fascismo e comunismo, é preciso rememorar que foi neste mesmo século que a masculinidade hegemônica enfrenta o início de sua derrocada com as “transformações políticas, sociais e econômicas” (Courtine, 2013, p. 11) que lançaram ambos, homens e mulheres, no rearranjo das identidades sexuais tão bem

---

<sup>6</sup>O termo hegemonia lançado por Connell provém dos escritos teóricos do filósofo e sociólogo marxista italiano Antonio Gramsci, nos quais a expressão aparece como a dominação ideológica entre classes sociais, sendo conduzido por Connell à dominação ideológica entre gêneros e, mais tipicamente, de um tipo de masculinidade sobre outras.

arquitetadas na divisão sexual na qual a vida humana se organiza, objetivando ceder espaço ao desenvolvimento da igualdade e em determinados aspectos equidade entre os sexos.

Sendo assim, diante da gradativa penetração das teorizações supracitadas no meio social e o alvorecer da igualdade entre homens e mulheres, assim como o distanciamento cada vez mais frequente da figura paterna nas formações familiares modernas, seja pela presença de mães solo, seja pelo afastamento dos homens do contexto doméstico em função das novas formas de trabalho geradas com o processo de industrialização e êxodo rural que os transferiram dos serviços no campo e comércio para as atividades em fábricas, indústrias e empresas, relegando às mulheres o cuidado exclusivo para com os filhos, a identidade masculina pautada tão longamente no homem viril e autodominador de suas paixões, forte fisicamente e potente sexualmente, sempre acompanhado do temor frente ao possível enfraquecimento corporal, impotência sexual e decadência moral, se encontra em veredas de extinção.

Tal desaparecimento da necessidade de imposição aos homens de declarar em que circunstância for as suas capacidades reprodutiva, sexual e social direcionadas ao combate e ao exercício da agressividade e violência, seja em trincheiras ou em palanques políticos, qualidades estas condensadas no que veio a se denominar como virilidade, encontra no século XXI, seguindo o caminho trilhado pelo seu predecessor, a dissociação do corpo masculino que menos naturalmente se depara com campos férteis à dominação outrora habitual, restando a um número considerável de homens não só a saudade do que nunca existiu por completo, mas o ressentimento ao, no discurso da crise da masculinidade, se sentirem frágeis, instáveis e contestados ao perceberem que a masculinidade alicerçada nas relações ou inexistência das mesmas com as mulheres já não se sustenta com a mesma complacência e indiferença com que se estabelecia no mundo anterior às revoluções culturais da década de 60 (Cardoso; Amorim, 2022).

## 2.2 EFEITOS DOS DISCURSOS DOS MOVIMENTOS MASCULINISTAS DAS REDES SOCIAIS

### 2.2.1 Pequena história do masculinismo no Ocidente

Tendo em consideração que a crise da masculinidade propagandeada atualmente despertou de seu adormecimento na década de 1960, tendo como estopim o movimento contracultural dos anos 60, o movimento gay e, sobretudo, a Segunda Onda Feminista, é de se presumir que dentre as repercussões acarretadas estaria a mobilização por parte de homens

colocados a ponderar sobre a condição masculina (Depuis-Déri, 2022). No início de 1970, tal mobilização acabou fundando grupos donde principiou o masculinismo ou movimento masculinista, reconhecido como o conjunto de movimentos sociais dos homens, se apresentando como a contraparte do feminismo e advogando tanto em defesa dos direitos dos homens quanto pela adesão a comportamentos tidos como próprios da masculinidade.

Todavia, em particular nos Estados Unidos dos anos 60, as primeiras reuniões entre homens, chamadas na época de grupos de apoio aos homens, terão um funcionamento semelhante ao dos grupos de conscientização feministas, dado que por terem em sua formação homens progressistas e, portanto, considerados pró-feministas, tais grupos se apresentavam como abertura ao debate sobre questões referentes ao patriarcado, sexismo, machismo, estupro, pornografia e sexualidade masculina e feminina, apesar do fato de apenas uma minoria dos participantes se propor a defender um enfrentamento direto das violências masculinas (Depuis-Déri, 2022). Porquanto, por mais contraditório que possa aparentar, em seu início, as organizações formadas por homens eram não só claramente pró-feministas, como relativamente abertas a homossexualidade.

Dentre os grupos, associações e organizações voltadas às temáticas supracitadas nos anos de 1960 e 1970, é possível nomear a *Men Allied Nationally* (Homens Aliados Nacionalmente), a *National Organization for Changing Men* (NOCM, Organização Nacional para Homens Mudados), a *Men Against Rape* (Homens Contra o Estupro) e a *Rape and Violence End Now* (RAVEN, Estupro e Violência Acabam Agora), todas fundadas nos Estados Unidos. Vale ressaltar que tal mobilização erguia-se em outras partes do mundo, como é o caso da França, com o *Mouvement de Libération des Hommes* (Movimento de Libertação Masculina), além de países como Canadá, Austrália, Inglaterra, Alemanha, Dinamarca, Suíça e Países Baixos. Sem demora, todo o Ocidente abraçava o então recém formado movimento dos homens, constituído substancialmente de homens brancos heterossexuais e com ensino universitário completo, como psicólogos, jornalistas, escritores e demais profissionais do setor de serviços.

Contudo, com a mesma urgência com que foram compostos, as reuniões entre homens logo desprenderam-se de suas intenções iniciais e, seguindo um caminho diametralmente contrário ao pensado pelos homens pró-feministas, abriram espaço ao cultivo de ideologias antifeminista e masculinista, em especial de homens em processo de separação e/ou que já lançaram mão de violência física ou sexual contra mulheres. É nesse meio-tempo, ainda em meados da década de 70, que o movimento dos homens sofre uma cisão entre aqueles inclinados ao pró-feminismo e aqueles dispostos ao antifeminismo (Januário, 2016), com estes últimos empregando desvirtuadamente os conceitos de Anima (feminino) e Animus (masculino)

originados na psicologia analítica de Carl Jung para não só defender os direitos dos homens por meio de um regresso ao enaltecimento do Animus, mas combater o que denotavam como propaganda feminista (Tacey, 2013).

Além da abordagem psicanalítica, o movimento dos homens reconhecido como masculinismo, fundamenta-se já em seu início em autores e obras de língua inglesa com teor antifeminista e androcentrista, incluindo publicações do início do século XX, como é o caso dos livros *The Legal Subjection of Men* (A Sujeição Legal dos Homens) e *The Fraud of Feminism* (A Fraude do Feminismo), do filósofo britânico Ernest Belfort Bax, apontado como o primeiro antifeminista da história, particularmente pela sua forte oposição ao sufrágio feminino. Ademais, escritos mais atuais e majoritariamente de origem estadunidense também começam a servir de inspiração ao movimento, a saber: *Divorce and Custody for Men* (Divórcio e Custódia por Homens), lançado em 1968 por Charles V. Metz; *The Hazards of Being Male: surviving the myth of masculine privilege* (Os Perigos de ser Homem: sobrevivendo ao mito do privilégio masculino), publicado em 1976 por Herb Goldberg; *The Men's Manifesto* (O Manifesto do Homem) e *The Rape of Male* (O Estupro dos Homens), ambas lançadas em 1976 por Richard Doyle, responsável por fundar, em 1973, a *Men's Rights Association* (MRA, Associação para os Direitos dos Homens).

Diante disso, em 1990, no desenrolar de duas décadas, o movimento dos homens já em mais nada lembra o que foi em seu princípio, afinal, o que antes se afirmava como uma proposta de reflexão e crítica à supremacia masculina, acaba por se tornar um meio fértil de sua promoção e defesa, trazendo novamente o velho discurso da crise da masculinidade e suposta opressão dos homens em meio a uma hipotética ginocracia, o mesmo que sempre é levantado quando se avista, ainda que de longe, um avanço das mulheres em um mundo construído por homens. Destarte, defronte à alegação de crise da masculinidade, o ciberespaço irrompe como campo prolífero aos falatórios que até então eram reclusos aos grupos de homens e associações ainda tenras em seu desenvolvimento (Vilaça; D'Andréa, 2021). Em consequência, as comunidades virtuais são absorvidas como as novas porta-vozes do masculinismo.

### **2.2.2 A Manosfera e os discursos masculinistas no mundo virtual**

Assim como pontuado pelo sociólogo espanhol Manuel Castells (1999), a sociedade informacional apresenta, dentre tantas características, a construção, a afirmação e o reconhecimento de identidades como princípio organizacional de seu funcionamento, isto é, atores sociais ou, melhor dizendo, usuários exploram atributos sociais que possam especificar

suas identidades mediante tanto a seleção de referências *on-line* específicas quanto a exclusão de referências mais amplas. Trata-se, portanto, de confirmar crenças preexistentes por intermédio de conteúdo *on-line* guiados por algoritmos previamente selecionados através das informações apuradas no sistema de *big data*<sup>7</sup>, manuseado em grande escala nas redes sociais e em serviços de pesquisa, possibilitando a dispensa de tópicos que sigam contra as crenças demonstradas pelos usuários durante o uso dos serviços. Sendo assim, é concebível imaginar o ambiente digital como o meio de maior articulação da corrente cultural masculinista, o que veio a se confirmar desde os anos 1990 até os dias atuais.

Com isso, o meio virtual encontra-se atualmente como o lócus de maior fertilidade à cultura masculinista que, desde sua, por assim dizer, pré-história, com o teórico Ernest Belfort Bax<sup>8</sup> no despontar do século XX, se qualifica como uma reação social, intelectual e política frente ao progresso das mulheres na conquista de direitos<sup>9</sup>. Desse modo, ainda que dispersos em diferentes áreas virtuais, é na rede *on-line* de plataformas formada por comunidades masculinas denominada de Manosfera ou Machosfera que o masculinismo é maiormente propagado, uma vez que por ser caracterizada pela indulgência quanto a variadas situações que em outros espaços da própria internet não seriam abordadas tão transigentemente, a Manosfera é ideal para o cultivo de concepções, não raro, com teor discriminatório, como discursos misóginos, racistas, homofóbicos, transfóbicos, dentre outros modo de violência contra populações específicas, principalmente mulheres e, em particular, feministas, acusadas de serem culpadas por toda sorte de problemáticas enfrentadas pelos homens (Ging, 2019).

As comunidades masculinas da Manosfera são constituídas por um aglomerado de plataformas *on-line* e/ou digitais, como páginas em formato de *blogs* ou *vlogs* (canais de vídeo), fóruns e portais de discussão, comuns nos Estados Unidos e prevalentemente usufruídos no início da composição do masculinismo no ciberespaço, como é o caso dos portais *A Voice for*

---

<sup>7</sup>Anunciado em 1997, o termo *big data* concerne a uma área do conhecimento encarregada da obtenção, integração, gerenciamento e análise informacional com base em altos volumes de dados coletados principalmente na internet, tendo como objetivo fundamental a geração de resultados que possam ser utilizados na vida social, gerando vasto valor econômico pelo fato de dispor de uma elevada relevância científica, social e de mercado.

<sup>8</sup>Considerado por muitos masculinistas como o precursor do masculinismo, tendo inclusive páginas responsáveis por traduzir e disponibilizar suas obras ao público que as acompanha.

<sup>9</sup>Apesar do verbete masculinista também ser momento ou outro empregue com relação aos estudos sobre a masculinidade, não só por parte de autores voltados a uma visão antifeminista e conservadora, como os citados no segundo tópico deste escrito, mas também estudos situados nas teorias feministas e de gênero, os quais optam desde 1980, com a elaboração do termo masculinidade hegemônica por R. Connel, pela expressão masculinidades no plural. Outrossim, por mais que usualmente se denomine masculinista o movimento pelos direitos dos homens, ocasionalmente é localizado no mesmo bojo os homens pró-feministas. Todavia, não obstante a confusão do uso do vocábulo, ele comumente é associado diretamente ao masculinismo (corrente cultural antifeminista e de culto às formas tradicionais de exercer a masculinidade).

*Men* (AVFM, Uma Voz para Homens), fundado em 2009 pelo ativista dos direitos dos homens Paul Etam, e o extinto *Return of Kings* (Retorno dos Reis), lançado em 2012 pelo escritor Roosh Valizadeh e fechado no final de 2022 (Bárbara, 2018). Além das plataformas mencionadas, mais recentemente a Manosfera tem se expandido para outros âmbitos da comunicação digital, como programas e canais de *podcasts* distribuídos em aplicativos de áudios e vídeos *on-line*, principalmente *YouTube* e *Spotify*, assim como nas redes sociais *Reddit*, *X*, *Instagram*, *Telegram*, *Facebook* e *TikTok*.

Com exceção das *subreddits* (comunidades temáticas dedicadas à divulgação de conteúdo e discussões *on-line*) da mídia social *Reddit*, nas quais a Manosfera tem sido evidenciada com maior iminência, como é o caso das *subreddits* *r/TheRedPill* e *r/MensRights*, tidos como os fóruns de maior abrangência da Manosfera, as demais mídias sociais, especialmente *Instagram* e *Telegram*, comumente são manuseadas com fins de divulgação de cursos, mentorias e livros destinados ao *coaching* (treinamento) de masculinidade e sedução, tendo o foco voltado muito mais a uma espécie de libertação masculina através do retorno à ideais de uma masculinidade hegemônica, assim como guias de como os homens devem se relacionar com as mulheres, do que um empenho na luta pelos direitos dos homens habitual aos MRAs. Em suma, todos os ambientes virtuais mencionados são frequentados em maior parte por homens, apesar de contarem, ainda que de forma reduzida, com um público feminino. Ademais, é preciso reiterar que a via de migração da Manosfera para o Brasil ocorreu e continua a ocorrer singularmente através das redes sociais, de modo que as páginas de internet propriamente ditas são mais comuns nos Estados Unidos e em alguns países europeus, a despeito de também contarem com as mídias sociais (Krendel; McGlashan; Koller, 2022).

Como se pode notar, o masculinismo só galga de fato sua consolidação como corrente cultural por meio dos ambientes virtuais da internet. A Manosfera daí surgida, no entanto, não comporta, assim como é observado na sua difusão por diferentes ambientes virtuais, uma homogeneidade nem na sua origem e muito menos na sua manifestação ideológica, uma vez que é caracterizada por congregar em si subculturas que, divergindo em suas filosofias, ostentam diferentes movimentos da Manosfera, sendo umas mais proeminentes do que outras, como é o caso de quatro comunidades específicas encarregadas de a representarem panoramicamente (Lilly, 2016), quais sejam: *Men's Rights Activists* (MRAs, Ativistas dos Direitos dos Homens), *Men Going Their Own Way* (MGTOW, Homens Seguindo Seu Próprio Caminho), *Pick-up Artists* (PUAs, Artistas da Sedução) e *Incels* ou *Involuntary Celibates* (Celibatários Involuntários).

Dentre as quatro, o presente trabalho terá como enfoque os PUAs, primeiramente por ser, na companhia dos MRAs, a mais preeminente corrente na Manosfera e, em segundo lugar, por estar em maior ênfase em solo brasileiro, além de, por possuir lideranças próprias que nada mais são do que figuras públicas representantes e seguidoras de suas causas que servem como modelos aos participantes desses movimentos, terem uma maior facilidade em absorver influenciadores digitais que rapidamente tornam-se novos arquétipos de uma masculinidade em perfeita sincronia com o que é defendido pela subcultura masculinista a qual se associa.

Todavia, pelo fato dos participantes da Manosfera frequentemente se envolverem em mais de uma das comunidades supracitadas que, por sua vez, interagem umas com as outras, seja para se alinharem ou se distanciarem, se faz necessário detalhar a filosofia separatista *The Red Pill* (TRP, A Pílula Vermelha) responsável por direcionar e legitimar tais correntes que, de modo geral, dividem a si mesmas e umas às outras em determinadas hierarquias a partir de classificações pseudocientíficas da constituição da personalidade masculina entre alfa, beta, ômega e sigma, sendo as masculinidades alfa ou conservadores compostas pelos MRAs, PUAs e MGTOWs e as masculinidades beta formadas pelos *Incels*<sup>10</sup> (Vilaça; D'Andréa, 2021). Posto isso, segue-se não só uma descrição da TRP, mas também dos MRAs e dos PUAs, os dois principais grupos da Manosfera e, conseqüentemente, os mais envolvidos com a TRP.

- ***The Red Pill* (TRP, A Pílula Vermelha)**<sup>11</sup>: principiada no *Reddit* através da *subreddit* dedicada aos MRAs, a filosofia TRP é denotada como uma alegoria à obra cinematográfica *The Matrix* (Matrix, de Lilly Wachowski e Lana Wachowski, 1999), na qual o protagonista Neo (Keanu Reeves) enfrenta o dilema de continuar sendo manipulado pela inteligência artificial Matrix através da falsa realidade na qual sempre viveu (idêntica à realidade na qual os indivíduos viviam fora do longa na época), tomando a pílula azul, ou encarar a verdadeira realidade saindo da Matrix, onde os seres humanos existem somente como baterias para as máquinas que a mantém, escolhendo a pílula vermelha (Valkenburgh, 2021). Para além da filosofia TRP, desde o ano de lançamento do primeiro filme da trilogia, a pílula vermelha passou a simbolizar na

---

<sup>10</sup>Tais designações podem ser, como se observa, utilizadas como exemplificações das masculinidades hegemônicas e subalternas discutidas por Raewyn Connell.

<sup>11</sup>O termo “*red pill*” aparece pela primeira vez na internet no dia 22 de outubro de 2006, estando relacionada a contextos divergentes do aqui apresentado. É apenas no ano de 2013 que o termo ganha menção no *Reddit*, mas ainda em fóruns de discussão diversos, como *r/KotakuinAction*. Em 2017, entretanto, a expressão passa a ser utilizada nos fóruns do *Reddit* moderados por apoiadores da campanha do ex-presidente Donald Trump (*r/The\_Donald*), assim como nas comunidades da Manosfera, como os *r/braincels*, por exemplo (Vilaça; D'Andréa, 2021).

cultura *pop* uma espécie de libertação ao se optar por enfrentar algo difícil de aceitar, como uma realidade até então escondida daqueles que continuam consumindo a pílula azul, preferindo permanecer no conforto da ignorância e afastando-se da busca pela verdade. Na Manosfera, os *redpillers* (redpillados), distinto grupo de homens que se autodenominam como aqueles que tomaram a pílula vermelha, consideram o masculinismo como uma compilação de verdades desagradáveis que poucos são capazes de admitir, podendo ser resumidas na seguinte afirmação: o mundo é regido ideologicamente pelo feminismo, estando, portanto, dominado por mulheres e seus caprichos, donde erguem-se toda sorte de problemas vivenciados pelos homens, submetidos a uma sociedade totalmente voltada ao gênero feminino, ou seja, ginocêntrica, na qual a perspectiva feminina é posta como central na organização social da vida humana, propagando o que os masculinistas costumam chamar de misandria, vocábulo paralelo à misoginia e que é atribuído ao ódio e desprezo contra o gênero masculino (Valkenburgh, 2021). Assim como no filme, pouquíssimos são capazes de atingir a verdade, necessitando reunir em si um aparato de virtudes que os *redpillers* afirmam possuir e serem habilitados a repassar para outros homens. Tais virtudes podem ser englobadas na tríade constituída pela sede de conhecimento, estado de abnegação quanto às dificuldades e coragem na busca por autonomia. Por mais que a TRP seja comum a todas as comunidades citadas, oferecendo um embasamento ideológico que torna passível as conceber em uma área com certa congruência de ideias, ela é emitida heterogeneamente pelas diferentes esferas do masculinismo na Manosfera.

- ***Men's Rights Activists* (MRAs, Ativistas dos Direitos dos Homens):** também chamados de defensores dos direitos dos homens, os MRAs são os homens responsáveis por sustentar o *Men's Rights Movement* (MRM, Movimento dos Direitos dos Homens ou simplesmente Movimento dos Homens), surgido na década de 1970 como um movimento de liberação masculina dissidente da Segunda Onda Feminista, assim como narrado no segundo capítulo deste escrito (Lilly, 2016). É no meio virtual, principalmente através da revista eletrônica AVFM e da plataforma *Reddit* no *subreddit rMen'sRights*, que os MRAs granjeiam a promoção do MRM com maior organização e impetuosidade, dispendo da discussão de diferentes temáticas, como o perigo das falsas acusações, os direitos de pais divorciados, o movimento antifeminista, a teoria do ginocentrismo, a discriminação contra meninos e homens advinda da misandria, dentre outras questões que costumam ser complementadas com indicações de livros de autores considerados ativistas proeminentes do MRM, como é o caso da obra *The Myth of Male*

*Power* (O Mito do Poder Masculino) do ex pró-feminista novaiorquino Warren Farrell (Lilly, 2016).

- ***Pick-up Artists* (PUAs, Artistas da Sedução):** cada vez mais comuns no Brasil, os artistas da sedução se autopropagam por diferentes ambientes do mundo virtual como homens bem-sucedidos que obtém através de determinadas técnicas e métodos (jogo da sedução) a conquista de mulheres, seja para sexo casual ou para o início e manutenção de um relacionamento (Banet-Weiser; Bratich, 2019). Organizados em diferentes países, os PUAs estabeleceram por conta própria uma comunidade virtual da sedução que data desde 1994, tendo os Estados Unidos como país de origem e espalhando-se pelo restante do Ocidente no mesmo período, chegando em solo brasileiro entre os anos de 2007 e 2008 (Franco, 2019). Porém, é especificamente no ano de 2009, tendo como ponto de partida a criação do site PUABase.com, que a comunidade passa a contar com *coaches* de sedução brasileiros, não raro, fundamentados na filosofia TRP e em uma visão antifeminista e conservadora quanto aos papéis tradicionais de gênero, além de um discurso embasado em uma suposta crise da masculinidade (Bárbara, 2018; Franco, 2019). Sendo a comunidade da Manosfera mais frutífera no país, os PUAs brasileiros frequentemente aparecem como vendedores de cursos e autores de livros com duas linhas principais de conteúdo: conquista de mulheres e desenvolvimento masculino, utilizando-se em especial do *Instagram* e programas de *podcast* para divulgação de seus trabalhos. A título de exemplo, é possível já de antemão mencionar os mais famosos *coaches* de sedução e desenvolvimento masculino brasileiros, sendo eles: Thiago Costa, dono do perfil Homem de Valor no *Instagram* (@homemdevalor.br: 1,9 milhões de seguidores e 2 mil e 238 publicações); Rafael Aires, autor do livro “Antiotário: Um Caminho Sem Volta”, mentor do evento *on-line* Resistência Masculina e do curso A Forja, além de dono dos perfis no *Instagram* Rafael Alves (@rafael.airess: 1,1 milhões de seguidores e 586 publicações), Seja Homem (@sejahomem.oficial: 807 mil seguidores e 3 mil e 416 publicações) e Conduta Valiosa (@condutavaliosa: 153 mil seguidores e 2 mil e 885 publicações); Fernando Alves, mentor dos curso Mestre da Lábia e do evento *on-line* O Fim do Homens, além de dono da empresa Sedutor Nato e dos perfis Fe Alves no *Instagram* (@fealvessn: 1 milhão de seguidores e 1.298 publicações) e Fe Alves SN no *YouTube* (656 mil inscritos e 598 vídeos); Cauê Nespoli, autor dos *ebooks* “Mestre da Conversa” e “Vida Sem Pornografia”, além de dono do perfil Cauê Nespoli no *Instagram* (@caue\_nespoli: 733 mil seguidores e 85 publicações) e do canal Manual do Homem no *YouTube* (1,72 milhões de inscritos e

mais de mil vídeos); Gabriel Breier, mentor do curso Torne-se um Soldado da Estética, além de dono do perfil Soldados no *Telegram* (87 mil e 840 inscritos e 127 postagens) e do perfil Gabriel Breier no *Instagram* (@gabrielbreier.\_: 717 mil seguidores e 66 publicações); Matheus Copini, mentor dos cursos *Lover Academy* (Academia do Amor), *Alphalife Academy* (Academia Vida Alfa), *Mulher que Desperta* e *Instintos Proibidos*, além de dono do perfil no *Instagram Alpha Life* (@copini\_alphalife: 476 mil seguidores e 804 publicações) e do canal Copini no *YouTube* (804 mil inscritos e 476 vídeos); Thiago Schutz, autor do livro “Pílulas da Realidade” e do perfil Manual *Red Pill* no *Instagram* (@manualredpill: 334 mil seguidores e 625 publicações); Gabriel Amorim, mentor do curso VSM (Valor Sexual de Mercado), além de autor do *ebook* “Afro Abordagem: O Lado Obscuro da Sedução” e dono do perfil Sedutor Afro no *Instagram* (@sedutorafro2: 135 mil seguidores e 765 publicações); Júnior Masters, autor do livro “Hackeando o Mercado Sexual: O Mínimo que Você Precisa Saber sobre *Red Pill*”, apresentador do *RedCast* no *YouTube* (RedCast [Oficial]: 72,3 mil inscritos e 102 vídeos), além de dono do perfil Submundo Intelectual no *Instagram* (@submundointelectual: 55,2 mil seguidores e 496 publicações); e Arthur Nasg, autor do livro “O Evangelho da Violência”, tradutor extraoficial das obras do escritor e palestrante Jack Donovan<sup>12</sup>, mentor do Projeto Ardití para aperfeiçoamento masculino, além de dono dos perfis Sol e Aço: O Caminho da Ascensão no *Telegram* (704 inscritos e 341 postagens) e Sol e Aço no *Instagram* (@sol.e.aco: 41,5 mil seguidores e 447 publicações).

Em suma, a Manosfera de um modo geral e a comunidade virtual da sedução, em particular, estampam um ambiente pródigo para homens, adultos e adolescentes, canalizarem as suas insatisfações quanto ao estado no qual se encontram, manifestando uma espécie de ressentimento para com as mulheres, em especial, aquelas que, direta ou indiretamente, os esnobaram de alguma forma. Diante disso, tais comunidades nascem e são mantidas como estufas de cultivo de crenças sobre a sexualidade humana “o que são homens e mulheres, e como interagem entre si [...] como homens e mulheres deveriam ser e como deveriam interagir” (Bárbara, 2018, p. 502) que, segundo o sociólogo estadunidense Michael S. Kimmel (2013), seriam como um vestuário cuja principal função é oferecer um disfarce para que homens,

---

<sup>12</sup>Mesmo sendo homossexual assumido, o autor Jack Donovan é conhecido por ser um crítico da comunidade LGBTQIAPN+ e pelos vários livros abordando o que ele mesmo denomina de culto à masculinidade, sendo *The Way of Men*, publicado em 2012 e traduzido em 2021 com o título “O Código do Homens” no Brasil, o mais famoso deles.

guiados pelos mentores da sedução, possam comunicar falas sexistas e misóginas que fora dali logo seriam rechaçadas.

Tendo a pretensão de auxiliar homens e adolescentes no seu desenvolvimento pessoal que, segundo a filosofia TRP, a teoria do ginocentrismo e o discurso da masculinidade em crise, vêm sendo emasculinizados, dominados pelo sexo feminino e destituídos de suas funções e direitos com o avanço do feminismo e demais movimentos responsáveis por questionarem os papéis tradicionais de gênero, como o movimento LGBTQIAPN+, o masculinismo proclamado na Machosfera se apresenta como uma espécie de pseudociência social, afinal, os *coaches* supracitados se autodenominam especialistas e mestres em desenvolvimento masculino, comunicação e relações afetivo-sexuais (Kimmel, 2013).

Desse modo, por mais que a cultura masculinista da Manosfera seja um fenômeno de nicho, atingindo mais abertamente aqueles que dela fazem parte, uma vez que seus conteúdos tendem a ser tão insólitos e questionáveis na sociedade atual que acabam sendo moralmente e cognitivamente difíceis de bancar, ela tem atraído cada vez mais adolescentes e homens. Estes reproduzem a desigualdade de gênero por estarem insatisfeitos com sua própria condição frente às transformações das codificações sexuais e de gênero na estrutura social e/ou encantados pelas generalizações de que são vítimas, mas podem, com o ensino correto, se tornarem os homens ideais (dominadores, fortes, racionais e estoicos) através dos *coaches* da masculinidade e sedução pintados como heróis e salvadores da verdadeira masculinidade. Enquanto isso, homens que performam masculinidades consideradas subalternas, mulheres e, principalmente, feministas são vilanizados, facultando uma crescente preocupante da radicalização do extremismo misógino, como é o caso dos atentados e atos terroristas empreendidos nos Estados Unidos, Canadá, países europeus e Brasil, tendo como base a identificação com conteúdos veiculados na Manosfera (Bárbara, 2018; Habib; Srinivasan; Nithyanand, 2022; Vilaça; D'Andréa, 2021).

### **3 MÉTODO**

#### **3.1 TIPO DE ESTUDO**

O desenvolvimento do presente trabalho partiu de uma pesquisa documental de abordagem qualitativa exploratória a fim de compreender como as representações sociais contemporâneas da masculinidade colaboram na emergência, aumento e conservação do masculinismo nas redes sociais, particularmente em eventos e cursos *on-line* de artistas da

sedução em canais e programas de *podcast* no *YouTube* que acabaram se tornando representativos da Manosfera e dos movimentos masculinistas no Brasil, em particular, a corrente dos *Pick-up Artists* (PUAs, Artistas da Sedução), que atualmente se encontra como a mais presente no país, sendo divulgada majoritariamente pela mídia social *Instagram*.

Para tal, o estudo documental que se segue foi guiado pelas seguintes etapas: identificação das fontes, localização das fontes e acesso aos documentos e análise e interpretação dos dados. De modo geral, a pesquisa documental trata-se da análise de fontes primárias, isto é, documentos isentos de qualquer tratamento científico ou analítico prévio, sejam eles impressos ou eletrônicos, gráficos ou audiovisuais, assim como pontuado por Gil (2022) e Oliveira (2016).

### 3.2 IDENTIFICAÇÃO DA FONTE

Para a devida construção da pesquisa, se utilizou como fonte de consulta o evento *online* intitulado “O Fim dos Homens: Não Existe Masculinidade Tóxica”, realizado às 19:19 (horário de Brasília) dos dias 9 (sexta-feira), 10 (sábado) e 11 (domingo) de junho de 2023 pela empresa Sedutor Nato (CNPJ: 38.092.064/0001-321), localizada em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, e idealizada pelo *coach* em desenvolvimento masculino e sedução Felipe Alves Pinheiro de Souza, mais conhecido como Fê Alves, mentor do curso “Mestre da Lábia” e proprietário dos perfis @fealvessn no *Instagram* e @FeAlvesSN no *YouTube*, utilizados essencialmente para a divulgação do seu trabalho. Como se trata de um evento composto por três vídeos – “Os Homens Estão Acabando: A Essência da Masculinidade” (1:36:26), “Rejeite a Modernidade: Reconstruindo Seu Valor” (1:42:01) e “O Novo Homem” (2:22:06) – lançados simultaneamente na plataforma *YouTube* e na rede social *Instagram*, os materiais explorados se configuram como uma documentação audiovisual, divulgada de modo público e gratuito.

Faz-se mister evidenciar que a escolha do evento como objeto de análise representativo do masculinismo nas redes sociais se deu em decorrência de três fatores: a) o idealizador é um dos artistas da sedução mais famosos no Brasil; b) o evento é representativo de ideias determinantes da Manosfera, tanto no culto a formas de masculinidade tradicionais/hegemônicas quanto na defesa das mesmas através do antifeminismo, da filosofia *The Red Pill* e do ensino de como os homens devem ser e se relacionar entre si e com as mulheres; e c) apresenta em si um compilado dos pontos abordados no trabalho, como o discurso da crise da masculinidade, o masculinismo e a Manosfera e suas ideologias. Outrossim,

pela falta de espaço hábil no formato de texto aqui empreendido, não foi possível lançar mão de demais fontes documentais para apreciação.

### 3.3 LOCALIZAÇÃO DA FONTE E ACESSO AO DOCUMENTO

O evento supracitado foi acessado primeiramente pelo link de inscrição “<https://mafiasn.com/o-fim-dos-homens>” disponibilizado durante o período de ocorrência do mesmo no perfil do *Instagram* do *coach* Felipe Alves (@fealvessn), cujo o acesso pode ser obtido pelo atalho <https://www.instagram.com/fealvessn/>. Atualmente, o canal do *YouTube* Sedução Plus mantém os três vídeos responsáveis por compor o evento, podendo o alcance ser atingido através dos seguintes links:

- Primeiro episódio: [https://youtu.be/HY8rRB\\_6a2I?si=aT0V2B9SMd7UUZb2](https://youtu.be/HY8rRB_6a2I?si=aT0V2B9SMd7UUZb2));
- Segundo episódio: <https://youtu.be/LSwFjwgS-XY?si=VMYUDJWGM7XN5h9z>);
- Terceiro episódio: <https://youtu.be/oJV7coPEPf4?si=4EVLz0bpxV8pB0xT>).

Após a inserção de um e-mail na aba presente no site de registro, é solicitado nome completo e um número de *WhatsApp* para que se possa clicar na opção cadastro, responsável pelo redirecionamento à última etapa da inscrição, constituída pelo ingresso em uma das comunidades do *WhatsApp* encarregadas de conter os grupos para envio dos links de cada uma das três partes do evento, bem como avisos e informativos em formatos audiovisuais e textuais destinados a sua realização.

É de referir que, tendo em vista a finalização do evento, para a contemplação dos vídeos não se é necessário executar todo o processo mencionado, uma vez que basta acessar o canal no *YouTube* supracitado para assisti-los. No entanto, objetivando a obtenção de uma investigação de maior amplitude, se optou, no dia 6 de junho de 2023 (terça-feira), pela inscrição e ingresso na 32ª comunidade do *WhatsApp* criada para o evento, possibilitando não só o acesso instantâneo aos links de direcionamento aos vídeos que o compuseram, mas também o acompanhamento dos informes ali veiculados, por mais que o foco da pesquisa esteja inteiramente voltado aos conteúdos transmitidos no decorrer da série de episódios do mesmo.

### 3.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Os três episódios do evento foram avaliados seguindo os preceitos da pesquisa qualitativa com texto, imagem e som (Bauer; Gaskell, 2015) e a análise e interpretação dos dados em pesquisas documentais (Gil, 2022), tendo como técnica uma análise crítica,

atravessando, portanto, quatro etapas, quais sejam: a) contemplação flutuante, ou seja, primeiro contato com os materiais de cada um dos vídeos nos horários e dias de lançamento dos mesmos, sem a utilização de pausas para nenhum tipo de reflexão ou anotações, uma vez que o espaço de contato inicial com o material deve ser reservado a toda sorte de impressões suscitadas somente pela apreciação visual e auditiva; b) contemplação concentrada e seleção preliminar das informações contidas na documentação escolhida, sendo imperativo reassistir a todo o evento, o transcrevendo detalhadamente para análise posterior; c) análise da transcrição e separação dos dados a serem correlacionados com as representações sociais contemporâneas da masculinidade; e d) comparação entre as duas variáveis: “dados coletados na fonte documental” e “representações sociais contemporâneas da masculinidade”, tendo em conclusão como a segunda se manifesta na primeira e contribui nos movimentos masculinistas no ambiente digital, por um lado, e as repercussões que os mesmos provocam socialmente, por outro. Finalmente, foi utilizada a versão gratuita do *software* de análise de dados qualitativos Atlas.ti a fim de se obter auxílio no tratamento das transcrições dos vídeos e delimitação das categorias analíticas, classificadas em três códigos de análise empregues na transcrição de cada um dos vídeos lançadas na plataforma, sendo eles: representações sociais da masculinidade hegemônica/tradicional, discurso de crise da masculinidade e consumo e performatividade do masculino.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O evento *on-line* “O Fim dos Homens: Não Existe Masculinidade Tóxica” trata-se de um conjunto de três episódios abordando o que o idealizador do mesmo, Fê Alves, denomina de a tríade da comunicação masculina, a qual, segundo ele, apresenta em si tudo que é imprescindível a um homem para ser respeitado, notado e desejado. Logo, o evento é uma espécie de curso em formato de três palestras audiovisuais lançadas na plataforma *YouTube* e narradas por um único palestrante, tendo como objetivo tanto o ensino do que é ser um homem quanto a demonstração do porquê os homens como um todo estão acabando.

Diante disso, se optou por entrelaçar os conteúdos dos episódios do evento com os códigos de análise criados pelo *software* Atlas.ti a fim de dissecar os dados referentes ao modo como as representações sociais de uma masculinidade hegemônica/tradicional se constituem como o principal baluarte na manutenção do masculinismo na sua corrente mais preeminente no Brasil, ou seja, os PUAs, na qual o evento em questão se alicerça, bem como nos demais movimentos masculinistas de modo geral.

#### 4.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS DA MASCULINIDADE E SUA RELAÇÃO COM O MASCULINISMO

O material analisado traz consigo uma abrangente explanação sobre o que seria a essência da masculinidade. Por essência, de acordo com o dicionário Houaiss (2009), se compreende o que se tem de mais básico e central em algo ou alguém, que no presente caso seria o que há de mais primordial na masculinidade. Assim como nos demais movimentos masculinistas já discutidos, o *coach* Fê Alves prega três linhas de raciocínio principais em seu discurso, a saber: a) uma espécie de essência particular da masculinidade que todo homem deve seguir e manter; b) uma crise que afastou os homens dessa essência, os deixando cada vez menos masculinos e; c) o culto ao consumo de diferentes formas de desenvolver e performar essa masculinidade no pensar e agir, seguindo, portanto, contra a modernidade que estaria tentando a todo custo destruí-la.

Um dos primeiros pontos abordados pelo discurso do orador deixa claro na seguinte fala o seu investimento em um lugar de suposto saber e o seu nível de convicção na existência de uma natureza elementar responsável por formar tanto o homem quanto a mulher:

E agora eu vou te explicar a real natureza tanto do homem quanto da mulher. Existe uma coisa chamada polaridade [...] equilíbrio. O universo precisa equilibrar. Os opostos eles existem, mas não sou eu que tô falando, nem um humano falando, é a natureza pra te provar que tudo que a natureza cria existe dois opostos, complementares, né? Forças complementares que devem coexistir para existir. Presta atenção, sol, lua, luz, escuridão, positivo, negativo, em tudo, masculino, feminino. Nada é à toa, cara. É sério que cê acha que masculino e feminino é uma construção social? [...] Em que mundo cê vive, cara? Em que mundo cê vive pra achar que o que o universo e a natureza criou, o que Deus criou é uma construção social? (Fê Alves SN, 1º episódio, acesso em 2023, 47 min e 21 seg).

Esta defesa da masculinidade a partir de uma visão puramente biológica e/ou religiosa é objeto de contradição nos estudos de Judith Butler (2022), pois neles se considera a performatividade de gênero e sexualidade como uma categoria social que recria as condições de genderizações, logo essa noção biologicista não consegue se sustentar analiticamente ao conceito de gênero como uma construção cultural dos papéis sociais. Assim sendo, o gênero não é definido pelo sexo biológico, mas, ao invés disso, vai sendo construído desde o imaginário dos pais antes da gravidez, seguindo por diversas imposições, influências e aprendizagens pelas quais a pessoa é submetida a fim de agir e se comportar em concordância com o gênero designado em sua gestação pelo sexo biológico, sendo masculino à identificação genotípica,

física e fisiológica de macho e feminino à identificação genotípica, física e fisiológica de fêmea, estando ambos bem estabelecidos nas sociedades, sejam elas ocidentais ou orientais.

Diante disso, é possível destacar que desde o início das civilizações humanas organizadas, a masculinidade e a feminilidade permanecem como idealizações um tanto utópicas que sofrem transformações a depender da época e da sociedade na qual estão inseridas, só galgando uma suposta perfeição em manifestações fictícias representadas principalmente em determinadas manifestações artísticas, no esporte e nos meios midiáticos de publicidade (Connell; Pearse, 2015). Por conseguinte, grande parte da população apenas tenta atingir tais idealizações, de modo que muitos até conseguem performar de acordo com os gêneros que receberam, os representando de forma fiel às expectativas e normas sociais. No entanto, tantos outros acabam rompendo estas expectativas e normas ao não atuarem conforme os gêneros que lhes foram designados.

Entretanto, o discurso do Fê Alves revela uma contradição quando analisado através da concepção de performatividade, uma vez que a defesa no vídeo aparece em torno de uma crença inata e biológica de que as pessoas nascem masculinas ou femininas, trazendo o questionamento da real necessidade de cursos e consultorias que surgem em defesa de um *modus operandi* da masculinidade. Afinal, a famigerada crise da masculinidade é promovida como o estopim do assim nomeado fim dos homens, não no sentido do extermínio dos indivíduos do sexo masculino, mas sim do declínio dessa masculinidade naturalizada e concebida anatomofisiologicamente, assim como narrado adiante:

A geração literalmente tá escancarando na nossa cara. A geração fraca tá mostrando pra gente há um tempo já quanto que o homem está se enfraquecendo. Essa geração tá provando todo santo dia pra gente que o masculino tá sendo visto como algo negativo. E isso é extremamente prejudicial. [...] Eu acredito que tem três principais motivos disso acontecer, desse grande movimento de fim acontecer. O primeiro é o acesso fácil à dopamina, o acesso fácil ao prazer [...] O segundo motivo é a grande mídia e a cultura popular. O quê que a grande mídia faz com você, já percebeu? A grande mídia ela... ela poda o homem e ela incentiva a desconstrução, só que a desconstrução se tornou a distorção. Incentivo ao consumo excessivo, incentivo ao excesso de lacação, sabe? Agora a mulher tem que lacrar, o homem tem que lacrar. Meu Deus, a lacação é foda. [...] O terceiro grande motivo são ideologias extremistas [...] O feminismo também não incentiva a família, a estrutura sólida, incentiva a mulher a dar pra todo mundo com a falsa ilusão de que ela tá sendo igual o homem. “Mas por que o homem pode e eu não? Eu vou lá e dou pra todo mundo.” Simples, porque o homem ele não fica sensível por 9 meses e não se apega emocionalmente tão forte quanto a mulher. Estragar teu corpo e se deitar com qualquer homem faz com que tenha maior taxa de violência doméstica, faz com que tenha maior taxa de abandono. Muitas feministas não percebem isso, mas a forma mais burra de incentivar a força da mulher é repudiar a única força dela que é a delicadeza e o cuidado. (Fê Alves SN, 1º episódio, acesso em 2023, 19 min e 22 seg).

O que se observa é a presença incessante de uma crença na existência de um modo de ser homem que não só resume a masculinidade como um imperativo biológico estabelecido pelos cromossomos XY, como também descarta qualquer possibilidade que, por assim dizer, fuja à regra. Tal crença representa a luta dos movimentos masculinistas tanto na volta a esse padrão composto por comportamentos aclamados como próprios da masculinidade (atração sexual por mulheres, imposição de silêncio sobre as próprias emoções, sentar de pernas abertas, coçar o saco, etc.) quanto a defesa dos direitos dos homens que os adotam. Seguindo, portanto, em uma luta contra as diferentes armas lançadas pela modernidade para minar tudo o que se é tido como masculino, dentre elas estaria o feminismo, o movimento LGBTQIAPN+, as leis jurídicas que ao se apoiarem em uma sociedade ginocêntrica são consideradas misândricas por favorecerem apenas as mulheres, especialmente no que se refere às acusações de estupro, violência doméstica, feminicídio e demais formas de violência contra a mulher (Ambra, 2021).

Desse modo, por mais que o apresentador não foque sua atenção em determinados vocábulos comuns na Manosfera, como misandria, ginocentrismo e assim por diante, ele enfatiza justamente a indispensabilidade de papéis bem definidos e estruturados a serem assumidos por homens e mulheres para que assim se garanta um bem-estar social. Tal pensamento pode ser contemplado na íntegra a seguir:

E agora vamo falar de energia masculina. A energia masculina é uma energia relacionada à força física e mental. Assertividade, liderança, objetividade, razão. Existe um motivo também pra isso acontecer. Não é nada à toa. Nada à toa. Do mesmo jeito que com a mulher também não é à toa, por ter mais cuidado ao detalhe ela recebe vida, um ser maravilhoso. A mulher forma um ser, um novo ser, um futuro. Ela precisa ser assim e ir contra esse caminho não é a porra de uma construção social. Ir contra esse caminho é ir de encontro a sua infelicidade. Agora energia masculina é o oposto. Qual que é o objetivo da energia masculina? Nós homens. Qual que é o nosso objetivo? Guiar, prover, proteger e construir. Esse é o nosso principal objetivo. É a nossa função. É o nosso papel. (Fê Alves SN, 1º episódio, acesso em 2023, 51 min e 18 seg).

Apesar de acreditar, assim como nos demais movimentos masculinistas, que a feminilidade e a masculinidade advém de modo inato dos sexos biológicos dos indivíduos e que tanto mulheres quanto homens possuem uma espécie de energia capaz de guiar seus comportamentos em concordância com o que se espera socialmente deles, o apresentador se contradiz e entra, assim como em tantos outros momentos do evento, em uma tentativa de denegação da realidade ao exibir um evento que se propõe justamente a ensinar homens a agirem tal qual o que supostamente eles já deveriam trazer de forma intrínseca desde o nascimento, uma vez que nasceram com órgãos genitais masculinos e, portanto, segundo o

*coach*, já dispõem da “energia” necessária para cumprirem o seu papel social, ou seja, guiar, prover, proteger e construir.

No entanto, assim como a sexualidade humana é um espectro, em que, como proposto pelo biólogo Alfred Kinsey (1954 *apud* Carvalho; de Almeida, 2021), a heterossexualidade e a homossexualidade exclusivas correspondem aos extremos de uma vasta distribuição de possibilidades afetivo-sexuais, o gênero também se apresenta como um espectro, sendo a masculinidade e a feminilidade apenas os extremos de uma vasta gama de comportamentos que não granjeiam a uniformidade em nenhum ser humano, incluindo o andar, o vestir, o se comunicar e tantas outras formas de ser no mundo.

Portanto, por mais que haja quem se identifique e atue “tal qual” o gênero atribuído da gestação ao nascimento, donde a performance se acomoda na expressão da identidade de gênero, também há quem não se identifique de forma alguma com o gênero que lhe foi imputado, assim como há aqueles que se identificam, mas não se adaptam a muitos dos comportamentos comuns aos seus pares, tais como, ainda em uma binaridade, mulheres masculinas, homens femininos e assim por diante (Butler, 2022).

Sendo assim, cursos, publicações, livros, eventos e demais conteúdos veiculados na Manosfera elevam o mesmo objetivo principal: ensinar homens a serem homens, o que significa utilizar representações sociais, não raro arcaicas, do que se espera de um homem para defender e ministrar comportamentos e características físicas e psicológicas até então consideradas masculinas, tais como as narradas a seguir:

Qual que é a primeira coisa da mentalidade masculina que todo homem tem que ter? Primeira coisa eu chamo de propósito. [...] estudo contínuo. Investimento em conhecimento [...] disciplina [...] presença [...] encontrar as suas tribos... ou criar a sua própria tribo [...] o homem nasceu pra competir. [...] Lutar é uma coisa que todo homem tem que fazer. [...] Lutar é uma coisa que o homem tem que aprender. [...] precisa ter a capacidade de se tornar agressivo [...] proteger a tua família e a tua tribo, proteger as pessoas que você ama [...] você deve ser um cara com a capacidade física de destruir alguém se for preciso. [...] uma dorsal, um ombro largo e uma cintura mais fina [...] porque esse homem mostra que ele tem envergadura, esse homem mostra que ele tem poder e força [...] O rosto do homem [...] deve ser naturalmente quadrado [...] linguagem corporal dominante [...] contato visual penetrante [...] postura de poder [...] ocupar espaço e ser dominante [...] tom de voz imponente. (Fê Alves SN, 2º episódio, acesso em 2023, 29 min e 27 seg).

Como se nota, para ser tido de fato como um homem, ou pelo menos “[...] um grande homem [...] completo, único e diferenciado [...] mais confiante, mais respeitado, mais foda... [...] Aquele homem melhor que 99% (Fê Alves SN, acesso em 2023), o orador, à semelhança das demais correntes masculinistas, lista uma série de competências corporais, mentais e comportamentais indispensáveis aos indivíduos do sexo masculino. Em outras palavras, mesmo

que não seja sua intenção, tanto o discursista quanto o masculinismo como um todo, acabam por enfatizar que não basta ter nascido com todo o aparelho anatomofisiológico do sexo masculino para de fato ser masculino e, portanto, como defende Butler (2022), performar a masculinidade, em que ser homem seria muito mais fruto de uma repetição cotidiana de atos e alegações que se adequam ao que representativamente se compreende nas sociedades como ser masculino do que uma condição biológica.

Ou seja, o evento aqui analisado objetiva ensinar a performar a masculinidade em conformidade com representações sociais de um homem, por assim dizer, perfeito, por mais que não se utilize do termo performatividade para tal. Afinal, mesmo que os indivíduos do sexo masculino tenham a função de se adequar desde a infância às atribuições supracitadas, o que contraria a afirmação do *coach* de que não se trata em nenhuma medida de uma construção sociocultural, seria necessário como pré-requisito ter nascido com a anatomia do sexo masculino, pois seria através dela que partiria o que o apresentador e o masculinismo chamam de energia masculina; energia esta imprescindível para “[...] guiar, prover, proteger e construir (Fê Alves SN, 1º episódio, acesso em 2023, 52 min e 17 seg) e, portanto, cumprir “[...] teu próprio papel como homem na terra. Buscando valor, poder e força, melhorando (Fê Alves SN, 1º episódio, acesso em 2023, 58 min e 47 seg).

Ante o apresentado, a masculinidade hegemônica desponta como a representação social elementar da masculinidade, dado que por ser o modelo delegado a assumir, no decurso de um tempo e espaço determinados, a forma mais primorosa de ser homem, ela se manifesta no imaginário popular inscrito em uma época histórica específica como a imagem (face icônica) do que os indivíduos nascidos no sexo masculino devem se tornar, prescrevendo significações (face simbólica) sobre virtudes, labores, territórios e idiosincrasias que passam a se converterem como próprias da masculinidade (Françoa *et al.*, 2021; Moscovici, 2015). E assim, desde as civilizações antigas, virilidade, dominação e insensibilidade repousam como a epítome máxima do ser masculino, marginalizando masculinidades inadequadas (subalternas) à representação social hegemonicamente compartilhada e cristalizada na formação das sociedades humanas (Connell; Messerschmidt, 2013).

Todavia, essa masculinidade hegemônica estaria em crise em decorrência da presumida dominação feminina na sociedade através do feminismo e do movimento LGBTQIAPN+ que insurgiram contra as formas de dominação masculina, facultando a necessidade de todo um movimento organizado para despertar os homens a assumirem seus papéis e funções naturais e combater o domínio das mulheres sobre eles. Desse modo, a principal explicação encontrada na Manosfera para tal crise seria a de que muitas mulheres teriam abandonado os encargos que

deveriam exercer, transformando, por consequência, os homens em seres perdidos em um mundo que não mais se encontra totalmente sobre seu jugo. Exemplificando nas palavras de um masculinista:

As mulheres foram ficando mais masculinas e o que que aconteceu? O universo ele tem que equilibrar, não tem jeito. Polaridade acontece... o universo ele precisa equilibrar. O sentido do universo é o equilíbrio. Pra dar certo, precisa de equilíbrio. Se um lado está desregulado, o universo acha um jeito pra regular de novo. E se tem muitas mulheres masculinas, qual que é o jeito que o universo encontrou de regular isso aí, cara? Bota mais homem feminino, cara. Transforma os homens em homens femininos. Não é só o universo fazendo isso, mas o homem fazendo isso também. O homem percebeu que mulheres tavam ficando mais fortes, mais dominantes e ele foi ficando mais fraco e submisso. É um processo natural. Você foi ficando mais feminino, mais delicado, mais fraco. Foi relacionado comportamentos de origem masculinas com algo negativo, então todas essas ideologias relacionaram força, poder, dominância com algo tóxico [...] E aí você começou a achar que ser homem é errado. Começa a achar que a sua força é tóxica, que a sua ambição é ganância, que a sua confiança é arrogância, e todos os atributos de força que deveria ser do masculino você começa a se duvidar e achar que você tá sendo errado (Fê Alves, 1º episódio, acesso em 2023, 29 min 47 seg).

A crença na existência de um único modo de ser homem, bem como o ressentimento dos avanços galgados por movimentos sociais progressistas e a apreensão frente a desconstrução e possível dissolução da masculinidade hegemônica têm levado homens a formarem movimentos conjuntos a fim de resgatar essa virilidade e macheza não castradas pelo feminismo em particular e a pós-modernidade globalista no geral, ambos responsabilizados por aniquilar uma era mais mítica do que verdadeira, na qual os homens podiam agir livremente como “homens de fato” (Ambra, 2021). Tal convicção é ilustrada no seguinte trecho do evento, o qual deixa claro que o mundo e as relações entre homens e mulheres não estariam mais funcionando pelo abandono das obrigações naturais divididas sexualmente:

Não é sobre personalidade mais. Não é sobre o que tem debaixo da tua perna. Não é sobre gênero. É sobre energia, função, papéis. Funções naturais para fazer a relação ou as relações e o mundo dá certo. As relações e o mundo só funciona com polaridades e cada um cumprindo a tua função. A nuvem tem uma função, o Sol tem uma função, a Lua, tudo tem uma função (Fê Alves, 1º episódio, acesso em 2023, 49 min e 20 seg).

Porém, ao se guiar por estudos historiográficos *queer* (Butler, 2018, 2022; Connell; Pearse, 2015; Louro, 2018; Scott; Urso, 2021) e da história das masculinidades (Bourdieu, 2019; Corbin; Courtine; Vigarello, 2013a, 2013b, 2013c; Nolasco, 1993) é viável visualizar o quanto esse passado de uma vivência masculina plena tem um quê de mitológico. Contudo, é capaz de direcionar fortemente aqueles que nele depositam sua total credulidade, perturbando homens que a um passo estão dispostos a preservar e condicionar subjetividades regradadas pelo

medo de suportar a verdade de que esse ideal, ilusório como é, nunca existiu de fato, deixando-os à mercê dos limites que possuem, mas insistem em não enxergar, tentando a todo custo trazer de volta esse arquétipo de virilidade perdido, não obstante as formas de violência e sofrimentos que efetuam contra si e ao outro ao tentar alcançá-lo (Ambra, 2021).

Nesse sentido, as redes sociais adentram como os ambientes mais propícios para que homens se promovam como exemplos de como outros homens deveriam ser, uma vez que nelas prevalece a possibilidade de fazer recortes de sua própria vida a fim de trazer para o público-alvo apenas o que se quer que seja contemplado, atraindo incontáveis indivíduos para grupos, cursos e afins objetivando que estes expressem seus dissabores com a crise da masculinidade e os fracassos no relacionamento com mulheres, compartilhando experiências “masculinas” que logo seriam rechaçadas fora desses ambientes virtuais controlados somente por homens.

Assim, requerendo incessantemente o encargo de se afirmarem e se provarem como tal, as representações sociais da masculinidade hegemônica não só contribuíram no surgimento do masculinismo nas mídias sociais, como fomentaram e continuam a impulsionar tanto a sua perpetuação quanto a dos lugares de privilégio ocupados pelos homens a partir da crença do homem como permanentemente autocontrolado e vigoroso física, moral e sexualmente. Estes acontecimentos em torno da masculinidade foram também uma chancela sobre os homens, os aprisionando em uma constante auto-opressão no que concerne à exigência de se manterem vigilantes quanto a manifestação de qualquer característica tida como feminina, ou seja, as representações sociais da masculinidade afirmam-se através da oposição às representações sociais da feminilidade. Isto é, impondo a performatividade de um padrão de práticas previamente estabelecidas desde a tenra idade aos indivíduos do sexo masculino para que possam ser de fato firmados no escopo da representação social do que é um homem (Françoiá *et al.*, 2021), viabilizando nos movimentos masculinistas cursos como o apresentado no evento aqui examinado:

O novo homem é meu novo treinamento de desenvolvimento masculino. [...] O novo treinamento que eu dediquei a minha vida pra passar todos os pilares que um homem precisa pra evoluir de verdade, pra se tornar um homem confiante, respeitado e desejado. [...] tudo que um homem precisa pra realmente aumentar a energia masculina dele. [...] características, comportamentos e hábitos pra você aumentar de uma forma absurda a sua energia masculina, pra ser considerado um homem alfa de verdade [...]. (Fê Alves SN, 3º episódio, acesso em 2023, 1 hora e 16 min).

Em contrapartida a conteúdos como o acima exposto, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) evidencia nas “Diretrizes para Prática Psicológica para Meninos e Homens” (2018) que essa imposição dos modelos de masculinidade tradicional/hegemônica não têm sido

benéficos à saúde mental e física masculina, limitando o desenvolvimento psicológico e comportamental de meninos e homens e propiciando, diante de uma época pós-moderna na qual tais modelos passo a passo se tornam cada vez mais dispensáveis e desajustados, uma conflagração dos papéis de gênero.

À vista disso e ainda em concordância com a APA (2018), uma série de efeitos maléficos são perpetrados nos homens a partir da socialização do papel de gênero masculino que recebem, particularmente: a representação desproporcional de meninos entre os alunos com dificuldades de ensino/aprendizagem, seja no que se refere às baixas pontuações ou nos problemas de comportamento, como a prática de *bullying*, suspensões, expulsões e agressão; o número demasiadamente desigual de adolescentes do sexo masculino entre os jovens cumprindo medidas socioeducativas e homens entre os apenados cumprindo sentenças nas prisões; a elevada probabilidade de homens serem tanto acusados quanto vítimas de crimes violentos, como homicídio, agressão agravada, entre outros; a despeito de serem menos diagnosticados com transtornos mentais do que as mulheres, os homens chegam a morrer 4 vezes mais por suicídio quando comparados ao sexo feminino.

Outrossim, mesmo que o Atlas da Violência brasileiro de 2021, desenvolvido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), ratifique os dados levantados pela APA, informando, a título de exemplo, que 93,9% das vítimas de homicídio no país sejam formadas por homens, os males das normas sociais, culturais e contextuais envolvendo as representações sociais da masculinidade não atingem somente aos indivíduos do sexo masculino, mas também às mulheres, como é o fato dos casos de feminicídio e violências domésticas e sexual serem majoritariamente cometidas por homens (Cerqueira *et al.*, 2021).

Ademais, é imprescindível enfatizar que as repercussões negativas fomentadas pela masculinidade hegemônica, inscrita como a principal representação social da masculinidade, acometem diferencialmente os homens, uma vez que recortes de raça, classe social econômica, orientação sexual, identidade e expressão de gênero favorecem que homens brancos, cis heteronormativos e privilegiados socioeconomicamente estejam mais protegidos quanto as nocividades advindas da necessidade de se reafirmar enquanto macho como forma de adequação à imagem fabricada histórica, social e culturalmente sobre o que faz um homem universal (Kawamura, 2021).

Em suma, diante das representações sociais contemporâneas da masculinidade, nascidas da fabricação histórica, cultural e social do que de fato é ser um homem, advém o ressentimento dos integrantes do masculinismo ao estarem diante do fato de que não o são. A perfeição do ser masculino, mais um ideal do que é uma realidade, é soterrada na derrocada das masculinidades

hegemônicas com o avanço das lutas feministas e *queer*, remanescendo apenas a nostalgia por parte desses homens de uma virilidade mítica existente antes da crise da masculinidade, além do medo da extinção; extinção esta de todo um modelo e caminho a serem seguidos. E é do discurso de crise da masculinidade que irrompem subjetividades dispostas em movimentos organizados com o objetivo de conservar e buscar esse ideal viril uma vez perdido, surgindo a necessidade de um culpado (as mulheres), sendo as conquistas desse culpado a fonte complementar para o ressentimento outrora concebido, donde por fim gerar-se-á não a reflexão e desconstrução pretendidas pelas lutas progressistas pela igualdade de gênero e o fim do patriarcado, mas a vingança representada pelo crescimento do masculinismo e da Manosfera.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos achados da pesquisa sobre os modos pelos quais as representações sociais da masculinidade atuam no surgimento e preservação dos movimentos masculinistas nas redes sociais, tornou-se possível identificar através da fonte documental escolhida para análise o quanto a crença em uma forma correta de ser homem guiou e tem guiado o masculinismo e suas correntes disseminadas na Manosfera, visto que é nelas que homens, em especial jovens, localizam espaços prolíficos para lidarem, mesmo que equivocadamente, com o estado de desorientação que se encontram atualmente ao despertarem à perda gradativa de privilégios e ao desajuste de comportamentos direcionados pelo ideal de uma masculinidade hegemônica.

Concernente aos principais achados, a relação construída entre os estudos das masculinidades e de gênero e o masculinismo no mundo virtual visto pelas lentes de um evento *on-line* de um *coach* da sedução foi capaz de evidenciar a substancialidade com que a representatividade do aglomerado de atributos físicos, psicológicos e comportamentais ligados a meninos e homens atua na disseminação do discurso de crise da masculinidade e, por conseguinte, na necessidade apresentada pelo masculinismo em: regressar e intensificar traços encarados como típicos da masculinidade (biologizantes), lutar pelos direitos dos homens em meio a uma sociedade que estaria presumivelmente tentando destruir tudo o que uma vez foi tido como masculino e declarar maneiras de lidar com as mulheres que, em sua maioria, afastaram-se de seus papéis de gênero desiguais, como preservar-se sexualmente e exercer funções de cuidado para os demais.

Enquanto isso, ambição, força, dominância, competitividade, vitalidade, proteção, autossuficiência, agressividade e violência, busca por poder e status, valor demasiado ao trabalho, evitação da feminilidade e dominação sobre as mulheres, imposição de autocontrole

emocional e silenciamento das emoções, comportamentos de risco, liberdade/promiscuidade sexual e homofobia vão sendo reforçadas como as normas masculinas. Ainda que apesar de suas prerrogativas e, a depender do modo como são exercidas, carreguem consequências nocivas para os homens e para a convivência social como um todo, tais como os elevados índices de prisões, homicídio, suicídio, acidentes de trabalho e de trânsito e insuficiência escolar entre os homens, além da propagação da misoginia, cultura do estupro, machismo e LGBTfobia. A resistência por parte de homens e de mulheres em abrir mão de suas suposições de gênero continuarão a levar ambos a encarar os problemas sociais decorrentes de vidas conduzidas pelo sexismo.

À vista disso, impera a demanda por pesquisas que possam ir além do presente trabalho ao identificarem não apenas a atuação das representações sociais da masculinidade no masculinismo fora e dentro do mundo virtual, mas também como as diferentes correntes que o compõem se encontram e se desencontram em seus ideais e propostas. Afinal, por mais que o evento escolhido para análise tenha sido representativo das ideias da Manosfera e do masculinismo nas redes sociais, far-se-á indispensável que estudos mais detalhados sobre movimentos para além do discutido no decorrer deste escrito possam oferecer uma visualização em maior amplitude quanto à movimentos como os Ativistas dos Direitos dos Homens, os Homens Seguindo Seu Próprio Caminho, Celibatários Involuntários e a filosofia separatista *The Red Pill*.

Posto isso, frente à fluidez com que as relações atuais se transformam, sendo mediadas na miríade de mudanças trazidas com as novas formas de comunicação descobertas com as mídias sociais, questões em aberto permanecem a suscitar debates: como os homens lidam com a masculinidade? O que para eles significa ser homem? Em que medida fatores anatomofisiológicos e socioculturais se influenciam na construção de comportamentos estabelecidos como masculinos e femininos? Até que ponto é instintivo ou fabricado historicamente os diferentes modos de agir entre homens e mulheres? Quais as possíveis consequências do rompimento com tais ideias que a tempos guiam o comportamento humano? Como ocorre a subjetivação masculina? Essas e outras interrogações suscitam a busca por conhecimentos empíricos de escuta dos sujeitos nos estudos de gênero e das masculinidades que, apesar de seus avanços, carecem de um enfoque sobre o que os homens têm a dizer sobre os conteúdos que tem se debatido sobre eles e suas vivências.

## REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro Eduardo Silva. **A noção de homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente.** Orientador: Nelson da Silva Junior. 2013. 128 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-28082013-112429/pt-br.php>. Acesso em: 12 maio 2023.
- AMBRA, Pedro (org.). **Cartografias da masculinidade.** 1. ed. São Paulo: Cult, 2021. 124 p.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **APA guidelines for psychological practice with boys and men.** Washington - DC: Boys and Men Guidelines Group, 2018. Disponível em: <https://www.apa.org/about/policy/boys-men-practice-guidelines.pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.
- BADINTER, Elisabeth. As crises anteriores da masculinidade: a crise da masculinidade nos séculos XVII e XVIII na França e na Inglaterra. *In:* BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina.** 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 11-15.
- BANET-WEISER, Sarah; BRATICH, Jack. *From pick-up artists to incels: con(fidence) games, network misogyny, and the failure of neoliberalism.* **International Journal of Communication**, v. 13, p. 1-26, 2019. Disponível em: [https://repository.upenn.edu/asc\\_papers/834/](https://repository.upenn.edu/asc_papers/834/). Acesso em: 2 jun. 2023.
- BÁRBARA, Lenin Bicudo. O masculinismo no mundo virtual. *In:* BÁRBARA, Lenin Bicudo. **Investigações sobre a ignorância humana: uma introdução aos estudos da ignorância, acompanhada de um exame sociológico sobre a persistência da homeopatia e a consolidação do masculinismo ontem e hoje.** Orientador: Leopoldo Garcia Pinto Waizbord. 861 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-25022019-111051/pt-br.php>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 520 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. 208 p.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo o gênero.** 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022. 452 p.
- BUTLER, Judith. BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. *In:* **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 15-49.
- CARDOSO, Frederico Assis; AMORIM, Marina Alves. Ser macho no Brasil: a crise da masculinidade e o antifeminismo de Estado. *In:* DEPUIS-DÉRI, Francis. **A crise da masculinidade: anatomia de um mito persistente.** 1. ed. São Paulo: Blucher, 2022. p. 11-31.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; DE ALMEIDA, Edson Leandro. Educação para a sexualidade a partir da biologia: vamos falar de Kinsey?. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 93–123, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13052>. Acesso em: 21 maio 2023.

CASTELLS, Manuel. O ser na sociedade informacional. *In*: CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 57-60.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/>. Acesso em: 24 maio 2023.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. A questão do gênero. *In*: CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015. p. 29-50.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x2013000100014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-026x2013000100014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 18 maio 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução: impossível virilidade. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: a virilidade em crise? - séculos XX-XXI**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 7-12.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: a invenção da virilidade - da antiguidade às luzes**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. 614 p.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: a virilidade em crise? - séculos XX-XXI**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013c. 610 p.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: o triunfo da virilidade - o século XIX**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. 535 p.

CRIOLO. **Espiral de ilusão**. Compositor: Kleber Cavalcante Gomes. Intérprete: Criolo. São Paulo: Oloko Records, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JDDxo7lcckI>. Acesso em: 3 jun. 2023.

DEPUIS-DÉRI, Francis. O movimento de homens dos anos 1960 até os dias atuais. *In*: DEPUIS-DÉRI, Francis. **A crise da masculinidade: anatomia de um mito persistente**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2022. p. 161-214.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. *In*: DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2018. p. 13-42.

FE ALVES SN. **Ep.1 - O fim dos homens - a essência da masculinidade**. YouTube, 19 de jun. de 2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HY8rRB\\_6a2I](https://www.youtube.com/watch?v=HY8rRB_6a2I). Acesso em: 6 set. 2023.

FE ALVES SN. **Ep.2 - O fim dos homens - construindo o seu valor.** YouTube, 20 de jun. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LSwFjwgS-XY>. Acesso em: 6 set. 2023.

FE ALVES SN. **Ep.3 - O fim dos homens - o novo homem.** YouTube, 20 de jun. de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oJV7coPEPf4>. Acesso em: 6 set. 2023.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: a virilidade em crise?** - séculos XX-XXI. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 154-186.

FRANCO, César Bueno. Os “artistas da sedução”: entre métodos e técnicas, uma masculinidade. **Sociologia plurais**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 145-164, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64809>. Acesso em: 2 jun. 2023.

FRANÇOIA, Carla Regina *et al.* Configurações de masculinidade (s) e bem-estar psicológico dos homens. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 4, p. 98-133, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/37790>. Acesso em: 24 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. Como delinear uma pesquisa documental. In: GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 7. ed. Barueri - SP: Atlas, 2022. p. 74-79.

GIL, Antônio Carlos. O que é pesquisa qualitativa. In: GIL, Antonio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 1. ed. Barueri - SP: Atlas, 2021. p. 15-30.

GING, Debbie. *Alphas, betas, and incels: theorizing the masculinities of the manosphere.* **Men and masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1097184X17706401?journalCode=jmma>. Acesso em: 2 jun. 2023.

HABIB, Hussam; SRINIVASAN, Padmini; NITHYANAND, Rishab. *Making a radical misogynist: how online social engagement with the manosphere influences traits of radicalization.* **Proceedings of the ACM on human-computer interaction**, v. 6, n. 2, p. 1-28, 2022. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3555551>. Acesso em: 2 jun. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1. ed. São Paulo: Objetiva, 2009. 1986 p.

KIMMEL, Michael. *White men as victims: the men's rights movement.* In: KIMMEL, Michael. **Angry white men: american masculinity at the end of an era.** 1. ed. Nova York: Nation Books, 2013. p. 104-136.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Masculinidade: historicidade, pluralidade e construção. In: JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade.** 1. ed. Covilhã: LABCOM.IFP, 2016. p. 79-134. Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/masculinidades-em-reconstrucao-genero-corpo-e-publicidade/>. Acesso em: 28 maio 2023.

KAWAMURA, Eduardo Alessandro. Introdução. In: KAWAMURA, Eduardo Alessandro. **A relação entre a violência e a masculinidade a partir da Psicologia Histórico-Cultural:**

sobre o desenvolvimento da personalidade e o domínio da conduta. Orientadora: Ana Luiza Bustamante Smolka. 209 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas - SP, 2021. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30\\_7cd10f72d71b424de86c0bf48aaf3712](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_7cd10f72d71b424de86c0bf48aaf3712). Acesso em: 24 maio 2023.

KRENDEL, Alexandra; MCGLASHAN, Mark; KOLLER, Veronika. *The representation of gendered social actors across five manosphere communities on Reddit*. *Corpora*, v. 17, n. 2, p. 291-321, 2022. Disponível em: <https://www.eupublishing.com/doi/10.3366/cor.2022.0257>. Acesso em: 27 abr. 2023.

LILLY, Mary. *A primer on the manosphere*. In: LILLY, Mary. *'The world is not a safe place for men': The representational politics of the manosphere*. 202 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Ottawa, Ottawa - Canadá, 2016. Disponível em: <https://ruor.uottawa.ca/handle/10393/35055>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 112 p.

MCGLASHAN, Mark *et al.* *MANTRaP: Misogyny and The Red Pill*. In: **Mark McGlashan: Senior Lecturer in English Language**, 2023. Disponível em: <https://www.markmcglashan.org/projects/mantrap>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 109-110.

NOLASCO, Sócrates. Masculino: um dilema contemporâneo?. In: NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 17-50.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Conhecendo alguns tipos de pesquisa. In: OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 65-75.

PETERSON, Jordan. Regra 11: não incomode as crianças quando estão andando de skate. In: PETERSON, Jordan. **12 regras para a vida: um antídoto para o caos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. p. 339-392.

SARTRE, Maurice. Parte I: Virilidades gregas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da virilidade: a invenção da virilidade - da antiguidade às luzes**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 17-70.

SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero: ainda é uma categoria útil de análise?. **Albuquerque: revista de história**, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHHis/article/view/14704>. Acesso em: 18 maio 2023.

SILVA, Natanael de Freitas. Historicizando as masculinidades: considerações e apontamentos à luz de Richard Miskolci e Albuquerque Júnior. **História, histórias**, v. 3, n. 5, p. 7-22, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10826>. Acesso em: 18 maio 2023.

TACEY, David J. *Polemical introduction: Jungian thought and the post-patriarchal psyche*. In: TACEY, David J. **Remaking men: Jung, spirituality and social change**. 1. ed. Londres: Routledge, 2013. p. 1-16. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315812526/remaking-men-david-tacey?refId=3c1bc259-9484-4851-8870-6cf3664ce3f8&context=ubx>. Acesso em: 28 maio 2023.

VALKENBURGH, Shawn P. Van. *Digesting the red pill: masculinity and neoliberalism in the manosphere*. **Men and masculinities**, v. 24, n. 1, p. 84-103, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X18816118>. Acesso em: 2 jun. 2023.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27703](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703). Acesso em: 28 maio 2023.